



Elas reinventam a Amazônia

Do corpo à floresta, da ancestralidade à realidade virtual, exposição no CCBB reúne 21 artistas do Norte em um panorama da produção feminina amazônica desde os anos 1970. Páginas 2 e 3



Rafaela Kennedy,
Sem título,
série
Lamento
(2023)



Auá Mendes, *Buyapusanu* (2022)



Rafaela Moreira, *Quebras* (2024)



Keila Sankofa, *Artefato Arqueológico do Agora* (2025), vídeo

Amazônia no

‘Amazônicas: Poéticas Femininas’ reúne no CCBB Rio 80 obras de 21 artistas do Pará, Acre e Amazonas e percorre cinco décadas de produção artística da região Norte



Raiz e Patchouli, da série *Autorretrato*

AFFONSO NUNES

A Amazônia que ocupa o segundo andar do Centro Cultural Banco do Brasil se oferece muito além de sua exuberante paisagem. Floresta, território e natureza estão presentes, mas dividem espaço com corpos, memórias, ancestralidades, identidades, conflitos e experiências de mulheres que vêm construindo a arte da região Norte nas últimas cinco décadas. Em cartaz até 16 de novembro, “Amazônicas: Poéticas femininas” reúne 80 obras de 21 artistas do Pará, Acre e Amazonas, numa exposição que reivindica um olhar feminino sobre um território tantas vezes representado de fora para dentro.

Idealizada pelo Museu das



A feiticeira branca (2021)

Mulheres (Museu DAS), a mostra chega ao Rio depois de passar por Belém, Fortaleza e Brasília. A curadoria e a direção artística são de Sissa Anelch, que há 16 anos pesquisa a produção de mulheres da arte

amazônica. Pintura, escultura, fotografia, gravura, objeto, arte digital e videoarte formam um panorama que parte dos anos 1970 e alcança a produção contemporânea.

“A Amazônia é o verdadeiro

ventre do Brasil e do mundo”, diz Sissa.

A curadora propõe deslocar a região da condição de simples tema ou cenário para percebê-la como território produtor de linguagens,

conhecimento e experiência estética. É a partir desse princípio que trabalhos de artistas de diferentes gerações são organizados em quatro núcleos: “Materialidades Ancestrais”, “Gravura Feminina”, “Amazônia Pictórica” e “Performáticas”.

Fundadora e diretora do Museu das Mulheres, Sissa é historiadora da arte, mestre e doutora em Artes. Já realizou a curadoria de mais de 17 exposições e levou mostras com artistas brasileiras para instituições e eventos na Alemanha. Sua pesquisa passa pela história da arte, produção de mulheres artistas, arte brasileira e decolonial, cinema autoral feminino e poéticas curatoriais. É dessa trajetória que nasce o esforço de “Amazônicas” para aproximar produção estética e reconstrução histórica.

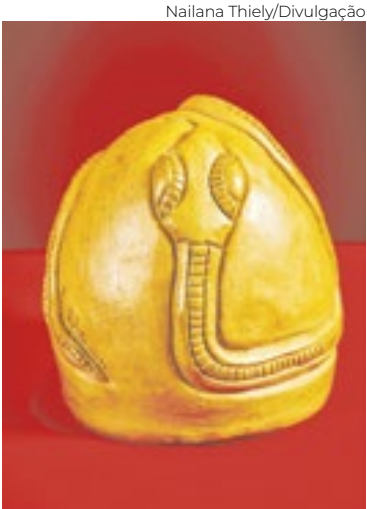
No primeiro núcleo, “Materialidades Ancestrais”, a memória ganha corpo por meio da matéria. As cerâmicas táteis de Lise Lobato criam



Lise Lobato, Sem Título, da série Guizo da Serpente (2025)



Wira Tini, A Força da Mãe (vídeo), 2022



Lise Lobato, Sem título

feminino



Auá Mendes, Agawara-itá Mukatúru - As Encantadas (2024)



Diná Oliveira, Continente (2024)

“A Amazônia é o verdadeiro ventre do Brasil e do mundo. Não é paisagem: é experiência imagética, memória, símbolo e linguagem”

SISSA ANELEH

um repertório simbólico ligado a nascimento, transformação, espiritualidade e ciclos da vida. Na série “Revoltosas”, Cristiane Martins constrói figuras escultóricas atravessadas por mitologias indígenas, feminilidade ancestral e forças associadas à floresta. A matéria deixa de funcionar apenas como suporte para se tornar depósito de memória e elo entre tempos distintos.

Em “Gravura Feminina”, a impressão passa a ser instrumento de identidade e permanência. As xilogravuras de Elieni Tenório investigam o corpo feminino, seus limites e sua ocupação do espaço social. Maria Auxiliadora Zuazo aproxima

feminino, natureza e liberdade em figuras híbridas, enquanto Elaine Arruda explora texturas, abstrações e densidades. A gravura surge, assim, não apenas como técnica, mas como registro da presença das mulheres na história artística da região.

A pintura domina “Amazônia Pictórica”. Elieni Tenório volta a aparecer, desta vez em trabalhos voltados para identidade e subjetividade. Nina Matos percorre memória, deslocamento e afetividade, enquanto Sanchris trabalha paisagens simbólicas relacionadas à reconstrução e à diversidade do corpo feminino. Rita Loureiro, Lise Lobato, Bárbara Savannah, Rafaela

Moreira, Auá Mendes e Wira Tini ampliam esse repertório com obras atravessadas por espiritualidade, cotidiano, pertencimento e identidade amazônica.

“A Amazônia não é paisagem: é experiência imagética, memória, símbolo e linguagem”, sintetiza Sissa.

O corpo assume o protagonismo no núcleo “Performáticas”. Nas fotoperformances de Renata Aguiar, mitologias femininas e espiritualidades ancestrais retornam como elementos de uma investigação sobre o território. Keila-Sankofa trabalha identidade, memória e ancestralidade a partir da ideia do corpo

po como arquivo vivo. Já Lúcia Gomes, na série “Mênstrua, Monstro, Monstra, Mostarda”, transforma o corpo feminino em espaço político e discursivo, confrontando tabus e silêncios. Rafa Bqueer, Val Sampaio, Rafaela Kennedy e Wira Tini completam um segmento em que gesto e presença são tratados como formas de resistência.

Ao atravessar esses quatro eixos, a exposição reúne questões de gênero, regionalismo, identidade nacional e diversidade sem buscar uma imagem homogênea da produção amazônica. A própria variedade de suportes e linguagens funciona contra essa simplificação. Ancestralidade indígena e afro-brasileira

convivem com ativismo, tecnologia, afetividade e investigações biográficas.

Essa aproximação entre memória ancestral e tecnologia ganha outra dimensão no “Espaço Petrobras Amazônicas”. O ambiente utiliza realidade expandida, virtual e aumentada para permitir uma experiência imersiva com óculos 3D. O visitante pode percorrer imagens em 360 graus, assistir a um filme em realidade virtual e visualizar algumas das obras em ambiente expandido.

A participação do público também alimenta “Mensagem para a Amazônia”, obra coletiva em vídeo construída ao longo da itinerância da mostra. Visitantes são convidados a deixar registros sobre a importância da preservação ambiental, que passam a integrar o trabalho. A exposição oferece ainda obra tátil, audiodescrição e intérprete de Libras, além de visitas guiadas, encontros com artistas e lançamento de catálogo.

A dimensão formativa se estende a oficinas de economia criativa dirigidas especialmente à capacitação profissional de mulheres interessadas em áreas técnicas e artísticas das artes visuais. Para crianças e adolescentes, “Sons da Natureza” propõe uma experiência sensorial com réplicas de esculturas inspiradas em sementes e sons de animais do Marajó. Escolas e outros grupos também poderão participar de visitas mediadas durante a temporada.

Ao reunir gerações, linguagens e territórios distintos, “Amazônicas” procura inverter uma perspectiva recorrente: em vez de mulheres aparecerem como personagens de uma Amazônia observada por outros, são elas que elaboram suas próprias imagens do território. Da cerâmica à realidade virtual, do corpo à gravura, a exposição coloca essas artistas na condição de autoras de uma Amazônia que é simultaneamente memória, experiência presente e campo de invenção.

SERVIÇO
AMAZÔNICAS: POÉTICAS FEMININAS
CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro)
Até 16/11, de quarta a segunda (9h às 20h) | Grátis



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Tratado com azedume em Cannes (onde ganhou a Palma de Ouro de 2018 com “Assunto de Família”) por conta da má acolhida a “Sheep In The Box”, exibido lá em maio, Hirokazu Koreeda teve tempo de finalizar um segundo filme para Veneza – segundo festival que mais gosta dele, depois da Croisette – e entrou na briga pelo Leão de Ouro com “Look Back”. Passou pelo Lido no domingo passado. O resultado, aos olhos de quem conferiu: um mar de lágrimas.

“Nunca vi tanta gente chorando ao fim da sessão”, disse o crítico e apresentador Gustavo Valente, autor do livro “Momento Crítico” (e resenhista do canal online homônimo), que cobre o evento para o site luso C7nema.net. “Ele não sai de Veneza sem prêmios.

Fala-se de Koreeda por todo canto da maratona cinéfila italiana. E a fala carrega um status de favoritismo. Seu nome virou um ímã de troféus na boca da imprensa.

Chamado no original de “Rukku Bakku”, o longa é uma adaptação do mangá homônimo de Tatsuki Fujimoto, autor conhecido mundialmente por “Chainsaw Man”, e acompanha a relação de duas jovens que encontram no desenho um caminho para a amizade e para a descoberta de suas vocações artísticas. Tornam-se autoras de HQs no Japão natal de Koreeda, onde tal mídia se chama mangá.



‘Look Back’ nasceu de uma HQ cultuada e virou um dos dos favoritos a prêmios em Veneza

Balõeszinhos de Koreeda

Ao transformar um mangá popular em filme, o ganhador da Palma de Ouro de 2018 pode ter mais uma vitória no currículo, agora em Veneza, na caça pelo Leão dourado com ‘Look Back’

A trama acompanha os passos de Fujino, estudante reconhecida na escola pelas ilustrações serializadas que produz. Sua segurança é abalada quando ela conhece o traço de Kyomoto, colega que não frequenta as aulas e vive praticamente isolada. Inicialmente movida pela

vontade de superar aquela que enxerga como uma rival, Fujino passa a estudar intensamente e a aprimorar sua técnica, afastando-se do convívio social e familiar.

A relação entre as duas estudantes muda quando um professor pede a Fujino que entregue um

diploma a Kyomoto. O encontro transforma a rivalidade imaginada em amizade e leva as jovens a trabalharem juntas na criação de mangás.

“Minha aposta nas angústias universais do dia a dia fez com que eu acabasse sendo rotulado como

diretor de folhetins, porque passei anos tentando pensar as inquietações afetivas pelo prisma familiar, porém, mesmo nesse terreno do folhetim, eu abordo questões sociais, numa mirada geopolítica”, diz o cineasta de 64 anos, que esteve na Mostra de São Paulo em 2007. “Já dirigi thrillers antes, como ‘O Terceiro Assassinato’. Porém, mesmo em outros registros, minha abordagem passa por um olhar sociológico. Foi assim que aprendi a fazer cinema: apostando na empatia, observando”.

O 83º Festival de Veneza termina neste sábado, na sexta será exibida, em concurso, o último dos competidores pelo Leão, que tem DNA brasileiro: “Retorno A Buenos Aires”, produção com a Itália, dirigida pelo chileno Marco Bechis. Rodado parcialmente em Porto Alegre, o longa revê o saldo das ditaduras sul-americanas, das quais seu realizador, hoje septuagenário, foi alvo.

Ligações perigosas com a consagração

Um dos enigmas mais indecifráveis do cinema é a ausência de um Oscar no currículo de John Malkovich. Essa esfinge pode cair por terra depois do Festival de Veneza. Um dos competidores mais aclamados desta edição (de número 83) leva o astro ao Chile de 1973, o ano do golpe que derrubou o sonho de Salvador Allende: “Cavalo Selvagem Nove” (“Wild Horse Nine”).

Seu realizador, o dramaturgo e cineasta Martin McDonagh (de “Três Anúncios Para Um Crime”), não é hermano, e, sim, um inglês nascido em Londres, mas Malkovich (numa interpretação forjada para lhe valer um Oscar), vive uma fase de investigação das cicatrizes governamentais do Chile. Nosso vizinho de continente é tema de peças recentes que o ator tem feito pelo



Diego Araya Corvalán/Searchlight Pictures

John Malkovich flerta com o Oscar em ‘Wild Horse Nine’

mundo, inclusive no Teatro Municipal, onde encenou “The Infamous Ramirez Hoffman”.

No longa de McDonagh, cujo roteiro satiriza o intervencionismo da CIA no globo terrestre, o bom e velho Valmont de “Ligações Pe-

rigosas” (1988), hoje com 72 anos, vive Chris Carlisle, agente já cansado de guerras (e de suas feridas) que vislumbra horizontes fardados a marchar pelo Novo Mundo, numa viagem à Ilha de Páscoa com seu parceiro Lee (Sam Rockwell, divo

do diretor). A trama vem sendo descrita como comédia crepuscular.

A melhor pedida para esta terça na competição de Veneza é “Company”, novo exercício do ator Casey Affleck na direção, com marca a volta de Nick Nolte

a um posto de protagonismo. Sua trama se passa em uma noite de inverno de 1975, quando uma mulher misteriosa chamada Evelyn chega sem ser convidada a uma festa de fim de ano e conta a história de Tom (Nolte), um eremita idoso que resgata uma atriz perdida durante uma nevasca no Colorado, em 1953. Para passar a noite, a atriz relata uma história mais antiga sobre um casal de fazendeiros que acolhe um jovem vagabundo em apuros, enquanto uma série de assassinatos horríveis espalha o medo pela fronteira. À medida que as histórias se entrelaçam ao longo das gerações, Affleck ensina forjar uma reflexão sobre o luto, a vingança, o perdão e compaixão capazes de curar até mesmo os machucados mais profundos. (R. F.)

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Apresentado ao planisfério cinéfilo na Settimana Internazionale della Critica, seção competitiva do Festival de Veneza paralela à disputa pelo Leão de Ouro, “London” é universalíssimo em sua destreza para se escudar de exotismos ao tratar – com frontalidade – de corpos habitualmente não observados com empatia pela mídia... pela arte. Mas sabe ser brasileiríssimo também, em sua afirmação de territórios.

Há um chão, lá em Porto Alegre, de onde a gente zarpa. Calma! É spoiler zero aqui. Zarpa-se para dentro do personagem-título (vivido com resplandescência por Victor Di Marco), um rapaz batizado com o nome da capital inglesa, que passa a vida atrás de um CEP existencial, ou seja, um lugar onde se aterre. O gozo é o mais próximo disso.

Tão torrencial quanto a atuação de Victor (que assina a direção com Márcio Picoli) é o modo de interpretar de Carla Cassapo, cuja personagem, Helena, invade o sistema solar resfolegado de London – cansado pela falta de dopamina que descontrola seus movimentos – qual fosse um astro-rei, oferecendo o mais potente analgésico conhecido pelo organismo humano: carinho. Com canções de karaokê, manhas de massagem, vontade de viver, essa valquíria de cabelos prateados será um dos satélites (talvez o da mais sábia geração) a cruzar com o rapaz em sua jornada de entendimento de si mesmo... e sobrevivência para além de previsões médicas.

Construído num registro queer como se fosse um poema sensorial, “London” (em Veneza, a grafia usada tem sido em caixa alta, “LONDON”) firma sua sinestesia na nevrálgica condução dos enquadramentos da direção de fotografia de Bruno Polidoro. Seu colorido é especialmente avesso a algoritmos em sequências numa boate onde o protagonista ganha o pão de cada dia, fazendo performances eróticas. É uma casa de fetiches, mas os cineastas não tratam dela como se fosse um inferninho, qual o de “Irreversível” (2002), de Gaspar Noé, ou qual o cabaré fedido a adstringente e naltalina de “L’Apollonide: Os Amores da Casa de Tolerância” (2011), pérola do grande Bertrand Bonello. Na notável direção de arte de Valeria Verba, atenta ao simples e ao miúdo, essa casa é uma instância de descobertas, onde o toque, quando consentido, abre caixas de Pandora que a caretice e o moralismo fecharam. Um dos achados da narrativa é o fato de a montagem de Will Domingos saber direitinho onde equilibrar os momentos bate-estaca dessa casa com a triagem das ações mais cotidianas de



Divulgação

O jovem London (Victor Di Marco) busca seu lugar neste nosso mundo (o Brasil)... e no Velho Mundo

Autopsia sensorial de um corpo vivo

Nas raias da delicadeza, ‘London’, produção gaúcha de passagem pelo Festival de Veneza, põe plateias em encanto com o olhar sobre um jovem PCD que trabalha numa casa de fetiches

London.

Identificado (pela sociedade) como PCD, ele passa por uma fase de tormenta quando um exame médico lhe oferece a possibilidade de descobrir a origem e o possível destino de sua deficiência. Muitos dilemas eclodem daí, em especial a percepção de que um diagnóstico seja capaz de determinar o porvir de sua vida. Lembra um pouco os rumos de “As Chaves de Casa” (2004), de Gianni Amelio. A sequência de um ultrassom, filmado por Victor e Picoli, enerva, quase no mesmo tanto quanto a cinefilia se incomoda ao (re)ver Linda Blair sendo espetada, na espinha, sob a benção da Medicina que quer decifrar por que ela parece estranha no início de “O Exor-

cista” (de 1973), antes de a gente saber que o Demo tá ali.

O demônio de “London” é o preconceito, a exotização das diferenças, a falta de apuro de uma diretora de escola incapaz de entender os rumos de uma criança com necessidades especiais. E Victor e Picoli tratam disso tudo sem auto-comiseração, sem apontar dedos, sem “palestrinha”. O sorriso das pessoas em cena, cada qual com a sua dor e com a sua alegria, pavimentam a nossa vontade de conhecer o mundo que o filme abre diante de nós sem julgamentos.

Escalado já para o Queer Lisboa (de 18 a 26 de setembro) e para o Festival do Rio (de 1º a 11 de outubro), “London” calou fundo no peito da crítica em Veneza.

Diego Lerer escreveu sobre ele no site “Micropsia”. Sua resenha destaca: “Por vezes desconfortável — sua resistência aos exames médicos resulta em várias cenas tensas e emocionalmente desgastantes — e, em outros momentos, cru e desinibido, ‘London’ começa como um retrato calmo e observacional antes de evoluir para algo mais contundente e carregado dramaticamente. É um filme brasileiro sobre pessoas que vivem às margens da sociedade, mas que evita a condescendência de um olhar externo. Ao contrário, fala com a liberdade e a segurança de uma história contada de dentro, por pessoas que conhecem essa experiência em primeira mão. O fato de seu protagonista ser tam-

bém um dos codiretores do filme e viver com a mesma deficiência confere à obra uma honestidade rara.”

Na disputa pelos prêmios da mostra competitiva do Festival do Rio, “LONDON” terá pela frente nove longas brasileiros de ficção, a partir de 2 de outubro: “Diário do Fogo”, de Maju de Paiva e Bernardo Florim, e “Maria de Maria”, de Luiza Shelling Tubaldini, ambos em première mundial; “Ela Foi Ali Guardar o Coração na Geladeira”, de Cristiane Oliveira e Gustavo Galvão, “A Professora de Francês”, de Ricardo Alves Jr., em première nacional; “Funk”, de Aly Muritiba, “A Margem do Rio”, de Enock Carvalho e Matheus Farias, e “Vicentina Pede Desculpas”, de Gabriel Martins, em première latino-americana. Completam a seleção a animação “O Filho da Puta”, assinado por Erica Maradona, Tania Anaya, Otto Guerra e Sávio Leite (já exibido em festivais como Annecy), e “Oceânico”, de Guilherme Coelho, também em première mundial.

LINHAS DE FUGA

por ERIK DE CASTRO*

Amado Brasil vagabundo - e seus mafagafes

Eu amo o Brasil. Eu vivo, eu morro - Brasil! Nossa pátria. Nossa mãe nada - nunca - gentil. Nos achacalha, nos maltrata. Nos vilipendia. É daquela figura nefasta parental que deixa mais sequelas e maldosas marcas profundas, do que as boas lembranças que o bom pai ou a boa mãe teriam a obrigação de legar a seus filhos e filhas.

Acompanhamos, desde sempre, estarecidos, como somos (não) representados por figuras medíocres - em todas as esferas de poder.

Os que chegam ao comando da Nação, em geral - esmagadora maioria - só querem saber de si. E dos seus.

Vagabundos errantes, milionários farsantes que sentem que somos e merecemos ser tratados de forma desprezível.

Não somos e não merecemos... Às letras, o contra-ataque: Esse povo se perde na sanha de comprar - e vender - Deus e o Mundo, não importando a ideologia.

Conseguem o Mundo. Mas a Deus não se engana. Pagarão, se não por aqui - tontos que são - no Além...

Cito os versos de bela canção do filósofo/cantor contemporâneo Bruce Springsteen ("Promised Land", de 1978):

"O pobre quer ser rico
O rico quer ser Rei
E o Rei não fica satisfeito
Até que controle tudo."

Em Brasília, quem cresceu e mora aqui sabe, tudo se resolve, literalmente, nas surubas. Políticos e gente de Alto Escalão de todos os setores se reúnem em bailes surubáticos que fariam Calígula corar. Trocam de buraco como quem mete chave em fechaduras... Compartilham de todos os prazeres inacessíveis à plebe nada rude do Brasil. Você não sabe de nada, inocente!! Famílias são destruídas por isso. Eu, nascido em Brasília, sei...

É todo mundo 'traçando' todo mundo - literal e figurativamente. Aqui, a Ética e a Moral só existem do microfone pra fora. Da boca pra dentro, é só naba, enquanto se chamam de "meu irmão" e "minha querida." Qualquer um - de qualquer 'lado' - que abra a boca pra falar a quantidade de asneiras que ouvimos diariamente, tem a ver com os peixes todos...

Ignorância não tem ideologia, nem toga. Une a todos. Nas esferas privada e pública: captadas em clicks estarecedores, tanto a risada coletiva de "bastidores", como o abraço na piscina apartidária - a uns dias atrás - são verdadeiras... A falsidade provavelmente se dá quando divulgam declarações pseudo-sérias.

É impressionante a desfaçatez desses caras, representantes de ambos os lados da mesma moeda vilipendiada e roubada, de nosso Amado Brasil Vagabundo, onde os filhos e seus pais poderosos - nas 3 esferas de Poder - unem-se na Capital Federal da

República Surubativa do Brasil enquanto a população estupefata - e trabalhadora - observa o próximo movimento do xadrez desarrazoado e funesto que se desenvolve a frente de seus olhos...

O Brasil é um país de mafagafes e mafagafinhos, proseou José Candido de Carvalho. Confuso, malandro, escuso, de troca de favores... Em todos os setores.

Toma vergonha na tua cara, Brasil!!!

Competência, nós temos.

Mas no país também do "...tá todo mundo envolvido" - como consta em meu thriller policial 'Amado' - tudo é possível.

Não podemos carregar a culpa da omissão, a cumplicidade com a estagnação:

Resta pairarmos, como nação, acima da mediocridade ideológica dos extremos políticos e do lodaçal da corrupção...

Talvez daqui a uns 200 anos.

Se o Planeta ainda estiver vivo até lá.

*Cineasta

Eduarda Estrela/Divulgação



O espetáculo conduz o público por uma experiência sensorial em que música, dança, teatro e capoeira dialogam para contar a história de resistência do povo negro.

Capoeira, memória e resistência

'Gungas, Marimbas e Urucungos em Encantorias Ancestrais' reúne mais de 50 artistas e jovens quilombolas do Maranhão em apresentação gratuita no Teatro Carlos Gomes

Uma roda de capoeira pode guardar muito mais do que o jogo entre dois corpos. Nela cabem música, religiosidade, memória, celebração e uma história de resistência transmitida entre gerações. É essa dimensão da Capoeira Angola que "Gungas, Marimbas e Urucungos em Encantorias Ancestrais" leva ao palco do Teatro Carlos Gomes nesta quarta-feira (9), às 19h30, com entrada gratuita.

A apresentação encerra no Rio uma turnê que passou por Parnaíba (PI), São Luís e Itapecuru-Mirim (MA) e Belém. Mais de 50 artistas, entre capoeiristas, músicos, atores e bailarinos, participam da montagem, que tem como protagonistas jovens de comunidades quilombolas maranhenses.

Eles vêm de Vila da Fé em Deus, em Santa Rita, e de Santa Luzia, Santa Joana, Santa Rosa e Oiteiro dos Nogueiras, em Itapecuru-Mirim. No palco, compartilham experiências que aproximam a Capoeira Angola de manifestações como tambor de crioula, bumba meu boi e samba.

Dividido em oito atos, o espetáculo utiliza música, dança, teatro e capoeira para percorrer aspectos da trajetória e da resistência da população negra. A Orquestra de Berrimbaus ocupa posição central nessa construção, acompanhada por tambores e pandeirão. Mais do que elemento musical, o berimbau funciona como condutor de uma narrativa em que ancestralidade e experiência contemporânea caminham juntas.

"A felicidade é enorme por ver esses jovens sendo protagonistas, não apenas apreciando a cultura, mas sendo verdadeiros fazedores de cultura"

MESTRE BAMBA

A montagem é resultado do trabalho do Centro Cultural e Educacional Mandingueiros do Amanhã, instituição criada há 29 anos em São Luís e que, na última década, ampliou sua atuação para comunidades quilombolas. Oficinas de capoeira, música e dança passaram a aproximar crianças e jovens de manifestações culturais afro-brasileiras.

Fundador da instituição e diretor artístico do espetáculo, Mestre Bamba vê a chegada desses jovens aos palcos de diferentes estados como resultado de um projeto iniciado ainda em 1997. "A felicidade é enorme por ver esses jovens sendo protagonistas, não apenas apreciando a cultura, mas sendo verdadeiros fazedores de cultura. Levar a Capoeira Angola e a cultura do Maranhão para outros estados é a realização de um sonho que cultivamos desde 1997", afirma.

É justamente na passagem da condição de aprendiz para a de protagonista que a turnê ganha outro significado. A cultura transmitida dentro das comunidades passa a circular pelo país pelas mãos — e pelos corpos — de uma geração que também encontra nela possibilidades de transformação pessoal. Josielma da Conceição Rodrigues, de 21 anos, é um desses exemplos. Moradora do Quilombo Santa Joana, em Itapecuru-Mirim, ela associa diretamente a capoeira às mudanças em sua trajetória. "A turnê abre novos caminhos para nós, jovens quilombolas, valorizando nossa cultura e nossas raízes. Foi a capoeira que transformou a minha vida e me motivou a conquistar oportunidades, como entrar na Universidade Federal do Maranhão", conta.

786

786

SERVIÇO
GUNGAS, MARIMBAS E URUGUNGOS EM ENCANTORIAS ANCESTRAIS
Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes s/nº - Centro)
9/9, às 19h30
Grátis, com reserva de ingressos no portal Sympla



Em 'A Confissão de Leontina', a tariz baiana Rose Irene Visitação dá corpo e voz à personagem do conto homônimo de Lygia Fagundes Telles

“Levar ‘A Confissão de Leontina’ para diferentes estados é ampliar o alcance de uma história que infelizmente ainda se repete na vida de muitas mulheres. Por isso, queremos promover encontros que despertam reflexão e diálogo, através do teatro”

ROSE IRENE VISITAÇÃO

Entre a solidão e a resistência

Protagonizado por Rose Irene Visitação, ‘A Confissão de Leontina’ abre conversa franca com o público sobre invisibilidade e violência contra a mulher



Após a encenação do monólogo, a atriz bate papo com o público

A personagem criada por Lygia Fagundes Telles ganha voz e corpo no monólogo “A Confissão de Leontina”, protagonizado por Rose Irene Visitação, que fará terá duas apresentações gratuitas, às 19h, no Teatro Correios Léa Garcia, no Centro. Ao levar ao palco o conto homônimo, a montagem

aposta na intimidade de uma narrativa de abandono e solidão para tratar de uma experiência que, apesar de situada numa vida comum, permanece reconhecível no presente.

A direção e a dramaturgia são de Karina de Faria. Rose Irene, atriz e professora de teatro baiana, conduz a personagem Leontina, descrita pela produção como uma mulher simples do interior atravessada

pela solidão, pelo abandono e pela naturalização da violência contra a mulher. Depois de uma primeira circulação na Bahia, o espetáculo chega ao Rio com o anúncio de um bate-papo entre artista e plateia depois da apresentação.

O ponto de partida literário importa. Lygia Fagundes Telles construiu uma obra marcada por personagens que expõem tensões sociais e afetivas sem perder a am-

biguidade. Em “A Confissão de Leontina”, a fala de uma mulher que não costuma ocupar o centro da narrativa desloca o olhar para as estruturas que tornam a violência cotidiana, muitas vezes, invisível. A adaptação teatral torna essa escuta ainda mais direta.

“Levar ‘A Confissão de Leontina’ para diferentes estados é ampliar o alcance de uma história que infelizmente ainda se repete na

vida de muitas mulheres”, afirma Rose Irene. “Por isso, queremos promover encontros que despertam reflexão e diálogo, através do teatro”, completa.

Com 20 anos de carreira, a atriz é licenciada em Teatro e Pedagogia e atua como professora de arte na rede municipal de Feira de Santana (BA). A artista idealizou o projeto e desenvolve ações culturais no Espaço de Artes RV, em Teofilândia (BA). Em seu percurso, estão a circulação anterior de “A Confissão de Leontina”, em 2023, e trabalhos como “Shakespeare no Sisal – Romeu e Julieta” e “Pedras em Cena – O Ouro Encantado”.

Karina de Faria assina, além da direção, a dramaturgia e a produção executiva ao lado de Maristela Araújo. A ficha técnica inclui trilha sonora original de Deco Simões, figurinos de Simone Raslan e iluminação de Maria Carla Santos.

SERVIÇO

A CONFISSÃO DE LEONTINA
11 E 12/9, ÀS 19H

Teatro Correios Léa Garcia (Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro)
Grátis, com reserva de ingressos pela plataforma Sympla



Confinados em espaço de 2m², os quatro atores se propõe a contar a história da humanidade em 'Hominus Brasilis'

Do Big Bang à internet, passando pelas grandes navegações, guerras mundiais, escravidão, ditadura e televisão. Contar essa história já seria tarefa ambiciosa com um palco inteiro à disposição. Em "Hominus Brasilis", quatro atores têm apenas dois metros quadrados. E nenhum cenário para ajudá-los.

É dessa limitação voluntária que nasce boa parte da graça do espetáculo que a Dobra Teatro traz novamente aos palcos cariocas a partir desta quarta-feira (9), no Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto, no Humaitá. A temporada, que segue até o dia 24, integra as comemorações pelos 15 anos da companhia e recupera justamente a montagem que inaugurou sua trajetória.

Diego de Abreu, Helena Marques, Mariana Fausto e Matheus Lima ocupam uma pequena plataforma e têm à disposição essencialmente duas ferramentas: corpo e voz. Eles se transformam em personagens, paisagens, acontecimentos e objetos enquanto produzem ao vivo a sonoplastia que acompanha essa corrida através de milhões de anos.

O ponto de partida está numa pergunta que acompanha a Dobra desde sua criação: até onde é possível contar uma história usando o corpo do ator? Em "Hominus Brasilis", ele precisa dar conta de quase tudo.

A viagem começa no nascimento do universo e logo ganha contornos mais terrenos. Grandes navegações, chegada dos portugueses ao Brasil e fim da escravidão entram na sucessão de imagens. Depois aparecem a expansão da imprensa, as guerras mundiais e as eras do

O mundo em 2m²

Dobra Teatro celebra 15 anos trazendo de volta 'Hominus Brasilis', espetáculo que transforma corpos e vozes em cenário para uma viagem do Big Bang aos tempos atuais

cinema, do rádio e da televisão. A ditadura militar e outros episódios políticos e sociais conduzem a narrativa até as mudanças provocadas pelo avanço tecnológico.

Em vez de tentar reproduzir realisticamente cada período, a montagem condensa acontecimentos em imagens cênicas. O humor nasce muitas vezes do próprio descompasso entre a grandiosidade do episódio e a economia de recursos para representá-lo. Afinal, impérios podem surgir e desaparecer, guerras podem começar e terminar, mas ninguém ganha um centímetro a mais naquela plataforma.

A aparente simplicidade exige precisão. Movimento, gesto, ritmo e relação entre os intérpretes substituem boa parte dos elementos tradicionalmente utilizados para localizar o espectador no espaço e

no tempo. O corpo pode ser personagem num instante e, logo depois, transformar-se em ambiente ou elemento da própria narrativa.

Foi essa pesquisa que levou "Hominus Brasilis" ao palco pela primeira vez em setembro de 2014, no Centro Cultural Justiça Federal. Desde então, o espetáculo ultrapassou 200 apresentações e chegou a aproximadamente 10 mil espectadores, acumulando seis temporadas no Rio e dez circuitos por diferentes regiões brasileiras.

A pequena plataforma também viajou bastante. Em 2016, chegou aos Estados Unidos para o Chicago Physical Festival. No ano seguinte, passou pelo FETI – Festival Efímero de Teatro Independente, na Argentina, e pelo Beijing Comedy Week, na China. Em 2019, foi apresentada no FITA – Festival In-

ternacional de Teatro do Alentejo, em Portugal.

O reconhecimento veio ainda no início dessa trajetória. A montagem recebeu indicação ao Prêmio Shell de Teatro de 2014 na categoria Melhor Direção e ao Prêmio Cesgranrio, na Categoria Especial, pelo estudo do espaço cênico desenvolvido justamente a partir da plataforma.

Mas a história do espetáculo começa antes de 2014 e se mistura à própria origem da Dobra.

Em 2011, Helena Marques e Matheus Lima foram contemplados com a Bolsa Funarte de Residências em Artes Cênicas e partiram para Londres, onde participaram do Professional Development Program da London International School of Performing Arts, a LISPA. Ao retornar ao

Brasil, começaram a desenvolver a investigação sobre teatro físico que acabaria dando origem a "Hominus Brasilis". O trabalho teve posteriormente supervisão de cena de Julio Adrião.

Aquela experiência estabeleceu uma linha de pesquisa que atravessaria os 15 anos seguintes: transformar o ator em espaço, personagem, imagem e instrumento narrativo, fazendo da restrição de recursos uma possibilidade de invenção.

Vieram depois outros espetáculos. "A Menina e a Árvore", de 2018, conquistou os Prêmios CBTIJ de Melhor Iluminação e Melhor Preparação Corporal. "Vermelha" estreou em 2019 e, quatro anos depois, "Feio" recebeu o Prêmio Shell de Melhor Iluminação. Ao todo, a Dobra contabiliza dez indicações a prêmios como Shell, Cesgranrio, CBTIJ e Zilka Sallaberry.

O retorno a "Hominus Brasilis", portanto, tem algo de volta à origem. Quinze anos depois de iniciar sua pesquisa, a companhia reencontra o espetáculo que definiu boa parte de seu vocabulário cênico.

Quando se conta a história da humanidade sabemos que ela nunca termina. O mundo de 2026 já não é exatamente aquele diante do qual "Hominus Brasilis" estreou em 2014. Mas os quatro atores continuam com o mesmo desafio — fazê-lo saber, outra vez, em apenas dois metros quadrados.

SERVIÇO

HOMINUS BRASILIS

Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto (Rua Visconde da Silva, s/nº, ao lado do nº 292, Humaitá)
De 9 a 24/9, quartas e quintas (20h) | Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)